

A INFLUÊNCIA DO SURREALISMO EM JOSÉ J. VEIGA¹ THE SURREALISM INFLUENCE BY JOSE J. VEIGA

Eleone Ferraz de Assis²

RESUMO: O autor goiano José J. Veiga, em todas as suas publicações, foi hábil em despertar opiniões diferentes e até contraditórias na crítica literária brasileira. Com o propósito de compreender seu universo ficcional, este trabalho analisa o romance *Sombras de reis barbudos*, sob a perspectiva dos pressupostos teóricos da poética do surreal.

PALAVRAS-CHAVE: Surrealismo, José J. Veiga, *Sombras de reis barbudos*, José J. Veiga.

ABSTRACT: The goiano author Jose J. Veiga in all his publication, he wake up different opinions and even contradictory in the Brazilian literary criticism. In order to understand his fictional universe, this work examines the novel *Sombras de reis barbudos*, from the perspective of theoretical assumptions of the poetry of surrealism.

KEY-WORDS: Surrealism, José J. Veiga, *Shadows of bearded kings*

O renomado autor goiano José J. Veiga publicou vários livros³ e alguns contos isolados e, desde a década de 1970, tem despertado a atenção de vários críticos.

A opção por limitar o *corpus* deste trabalho a *Sombras de reis barbudos* deve-se ao fato de as características singulares desse romance estabelecerem pontos de contato com a poética do surreal.

Nesse romance, Lucas, a criança narradora, assiste à implantação da Companhia Melhoramentos na pequena Taitara, por seu tio Baltazar, que logo é afastado da empresa. Entra em vigor, então, um regime de autoritarismo que subverte a vida dos pacatos moradores locais e, de certo modo, fragiliza os laços afetivos. Estabelecem-se proibições

¹ Este artigo é um fragmento da dissertação, intitulada *A poética de J. J. Veiga em Sombras de reis barbudos*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Católica de Goiás.

² Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Universidade Católica de Goiás; professor da Universidade Estadual de Goiás e membro do Grupo de Pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de Textos – SELEPROT/UERJ. E-mail: leoassis_3@hotmail.com.

³ *Os cavaleiros de Platiplanto* (1959), *A hora dos ruminantes* (1966), *A estranha máquina extraviada* (1968), *Sombras de reis barbudos* (1972), *Os pecados da tribo* (1976), *O professor Burrim e As quatro calamidades* (1978), *De jogos e festas* (1980), *Aquele mundo de vasabarro* (1982), *Torvelinho dia e noite* (1985), *Tajá e sua gente* (1986), *O almanach Piumhy* (1988), *A casca da serpente* (1989), *O risonho cavalo do príncipe* (1992), *O relógio Belisário* (1995) e *Objetos turbulentos* (1997).



absurdas, muros são levantados entre as casas. No final da narrativa, os taitarenses voam, para fugir da opressão que lhes é imposta.

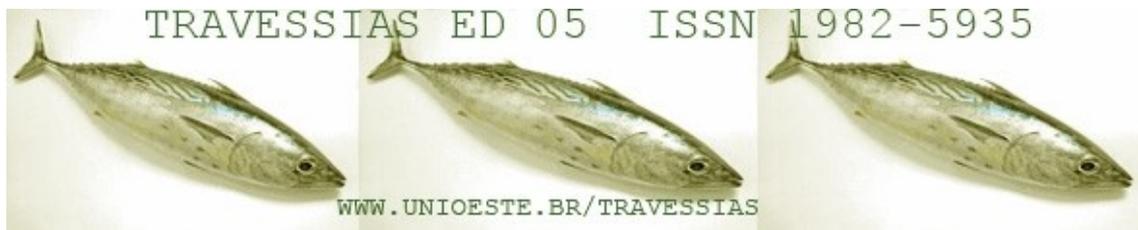
Pensar nos pontos de contato do romance *Sombras de reis barbudos*, de José J. Veiga, com as poéticas surreais é dirigir um novo olhar para o homem, para suas relações com o mundo, sobre o seu modo de se expressar e de se pensar. Ao acessar a supra-realidade de modo a subverter a busca da verossimilhança, opta-se por uma formidável aposta no imaginário, apresetado como poder central do espírito humano. Em Taitara, a cidade retratada no romance, o inverossímil, o extraordinário e o incôngruo surgem em tamanha profusão, que o real deixa de ser referência absoluta. Ao caminhar em direção à libertação total do homem, Veiga quer ultrapassar os universos taitarenses, com suas mediocridades e limitações, para aperceber-se no estado original do homem. Segundo Chenieux-Gendron (1992, p. 12), nas poéticas do surreal

quer-se uma filosofia, mas “de vida”, um modo de viver e de pensar, [...] que, recusando o mundo tal qual é, pois o “real” muitas vezes é apenas o habitual, se propõe de uma só vez “transformar o mundo” (Marx) e “mudar a vida” (Rimbaud), em uma revolta ao mesmo tempo política e poética; que recusando os *priori* lógicos, prega a exploração dos recursos da desordem.

Percebe-se que a influência surrealista no romance veiguiano não é um estilo, é o grito da mente que se volta para si mesma, ou seja, é um caminho rumo à supra-realidade, em que a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro deixam de ser percebidos como contradições. Com isso, ancora-se na teoria de Hegel (1996), que formula a definição de que essa poética aceita o caráter contraditório da realidade e tenta encontrar a síntese ideal entre os opostos, criando, de forma imaginativa, uma outra realidade, a surreal.

Os pontos de contato do romance *Sombras de reis barbudos* com a poética do surreal possibilitam uma ruptura radical do homem com o mundo imposto pela Companhia Melhoramentos que é uma instituição social que estabelece normas, padrões, privando a liberdade das pessoas que não seguem seus princípios.

Apesar de todas essas manobras a Companhia não está conseguindo amedrontar o povo. Dia a dia aumenta o número de gente no ar, não é preciso olhar o céu para saber, basta ver a quantidade de sombras no chão, principalmente ao meio-dia, e notar a falta de tanta gente aqui



embaixo. Parece que a Companhia não sabe mais o que fazer para segurar o pessoal, faz dias que não cai nada lá de cima, e os fiscais andam tontos de um lado para outro ameaçando, implorando, prometendo vantagens, mas ninguém liga para eles, e dizem que muitos estão voando também. (VEIGA, 2001 p. 139-140)

Assim, como se vê, a influência do surreal na obra permite às pessoas, mediante um mergulho no inconsciente, libertarem-se das potencialidades reprimidas de modo a legitimar uma supra-realidade, ou um universo surreal, livre das normas coercitivas impostas pela Companhia Melhoramentos de Taitara.

Para Carvalho (1989, p. 23), a escritura desse romance seria uma transmigração surrealista manifestada nas condutas e nos atos inconscientes do narrador-personagem e das personagens, o que permite o (re)conhecimento da outra face da realidade (uma realidade livre da opressão imposta pela Companhia de Melhoramentos). Num empreendimento “ligado à linhagem de rebelião da linguagem, os seres humanos presentes na narrativa deparam-se com o próprio inconsciente e passam a ser o intérprete primeiro do seu real insólito” (CARVALHO, 1989, p.23).

Percebe-se que, para se chegar à “espécie de realidade absoluta” (BRETON, 2001, p. 28), a realidade epidérmica é atacada de uma maneira irônica e a representação do mundo é corrompida pelo acaso objetivo, que, nas palavras de Chenieux-Gendron (1992, p. 92), se define clandestinamente como a forma de manifestação da necessidade exterior que abre caminho no inconsciente humano. É chamado de objetivo, porque tudo acontece como se a subjetividade da pessoa envolvida se projetasse em algo.

Diante do acaso objetivo, convida-se a permanecer em vigilância, em todas as manifestações inexplicáveis. Daí a necessidade de possuir um comportamento lírico, porque alguns fatos do acaso objetivo são claros, outros requerem ser decifrados, até suscitados, o que justifica a atmosfera mágica de certos textos surrealistas.

Em *Sombras de reis barbudos*, o espaço real – refletido pela aparência do mundo exterior e pela organização da Companhia de Melhoramentos – está permeado por um regime opressor que conduz as pessoas que ali habitam a construir uma outra realidade, às vezes de certa maneira metafórica. Assim, as palavras formuladas pela subjetividade denunciam os espaços que o sistema ocultou:



De um dia para outro, sem nenhum aviso ficou perigoso até perguntar ou informar as horas a um desconhecido. Muita gente se complicou por se queixar inocentemente do calor; ou dizer que não estava fazendo tanto calor; por responder a cumprimentos ou não responder por distração; por se abaixar para apanhar um objeto na rua, ou por ver um objeto e não se abaixar para apanhá-lo. (VEIGA, 2001, p. 66).

O arrocho nas proibições por parte da Companhia, segundo o relato de uma criança, leva os moradores à alucinação (perda do real) e, conseqüentemente, à construção de outra realidade, ou da realidade absoluta. Por essa razão, o homem se instala no centro da criação, para reclamar sua liberdade absoluta, realizando-se, de acordo com Carvalho (1989, p. 22-23), uma travessia mediante o processo de inquietação da consciência. Essa inquietação aparece com a quebra da ordem do mundo e com a transformação da consciência real em consciência surrealista.

Assim, a influência da poética surreal na obra veiguiana é a “libertação mental” do homem e, conseqüentemente, a sua “libertação total”. Ao acessar a supra-realidade, o romancista critica o extremo realismo que empobrece a realidade e canta o hino à imaginação, deixando transparecer que a lógica é inapta para definir tudo o que é humano. Por isso, o desejo prima sobre o social, porque é nele que se enraíza a liberdade pela qual os taitarenses tanto esperam.

Para proporcionar a libertação total do homem, de modo que ele possa estar apto a lutar por uma sociedade também liberta, é necessário analisar o alcance da escrita e do pensamento surrealistas. No romance *Sombras de reis barbudos*, a busca pela realidade surreal serve como um veículo libertador das potencialidades sociais reprimidas, um instrumento de rebeldia. Isto se torna possível mediante o aprofundamento da experiência pela liberação do inconsciente, pela decifração do “acaso objetivo” e da compreensão de uma mitologia moderna e coletiva proposta pelo surrealismo (CARVALHO, 1989, p. 28).

No tocante à liberação do inconsciente, cabe ressaltar que as “experiências de sono” provaram que a atividade mental do homem ultrapassa as condições de vigília; o sonho poderia também ser aplicado à resolução das questões essenciais da vida. Este trecho de *Sombra de reis barbudos* pode ilustrar as afirmações:

A reunião era uma festa para comemorar a torre que ele acabava de construir, obra nunca vista e muito importante encomendada por uma



comissão de reis barbudos. Como prêmio tio Baltazar ia ser nomeado rei também, aquela gente toda estava ali para ajudá-lo a experimentar a roupa, a coroa e a barba postiça que ele ia usar enquanto não crescesse a verdadeira. (VEIGA, 2001, p. 85-86).

A “festa de reis barbudos” gira em torno de um único personagem, Baltazar, que se manifesta oniricamente⁴. No sonho de Lucas, ele seria condecorado e coroado rei, constituindo uma outra realidade, inversa à ordem dos acontecimentos narrados, nas quais ele foi deposto do cargo de diretor da Companhia. O sonho passa, então, a ser o domínio da liberdade absoluta, por marcar a revanche do princípio do prazer sobre o princípio da realidade.

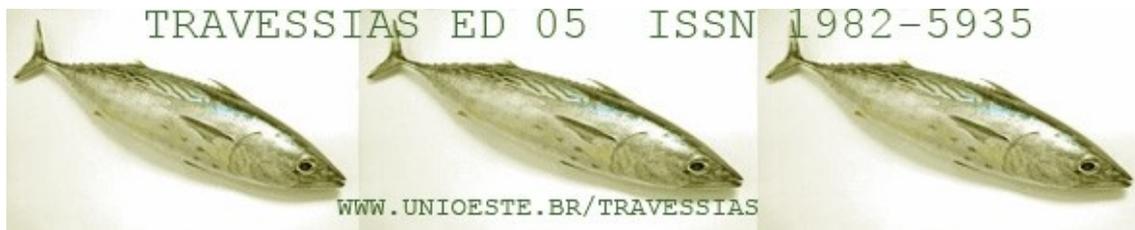
Com base nessa afirmação, percebe-se que, assim como Breton (2001), José J. Veiga, em *Sombras de reis barbudos*, interessa-se pela parte obscura da mente humana, talvez por acreditar ser possível encontrar no espaço do inconsciente (como também do sonho) a liberdade⁵.

Em seu primeiro manifesto, Breton (2001, p. 44) afirma que “o espírito do homem que sonha se satisfaz plenamente com o que lhe acontece. A angustiante questão da possibilidade não está mais presente”. O sonho é tão real quanto o estado de vigília. A surrealidade ou realidade absoluta – que Breton (2001) defendia e na qual acreditava – seria a resolução dos dois estados tão contraditórios na aparência na obra veiguiana: sonho e realidade. Além disso, permite interrogar certas situações da vida, de modo a caracterizar o fato de elas parecerem pertencer à série real e à série ideal de acontecimentos, bem como de constituírem o único posto de observação - o acaso objetivo.

Sob o prisma da teoria de Abastado (*apud* CARVALHO, 1987, p. 35), percebe-se que, em *Sombras de reis barbudos*, a influência “surrealista é a expressão no registro das imagens, de sua ideologia. Ela tem uma postura revolucionária [...] e ajuda à libertação social do homem”. No caso, o alcance revolucionário torna-se possível mediante o insólito (Companhia Melhoramentos, muros, urubus), que se transforma numa chance de atitude revolucionária.

⁴ Conforme explica Gomes (1994, p. 43), “apenas o sonho oferece ao homem todos seus direitos à liberdade”, além de ser “responsável pela resolução dos problemas fundamentais da existência” (p. 25).

⁵ Aqui fica claro também que “a actividade onírica revela que o desejo humano não poderia ser satisfeito pelo mundo tal como ele é” (Durozoi & Lecherbonnier (1976, p.142).



Apoiando-se na teoria de Garcia (2007, p.19), nota-se que o insólito na obra do escritor goiano caracteriza, em primeira linha, como uma completa atitude de desconforto. Ele rompe com atitudes habituais, comuns, costumeiras, usuais e freqüentes, enfim, surpreende as expectativas quotidianas e cria um choque afetivo, de modo a desorganizar e desnudar a representação do real em Taitara.

Segundo Carvalho (1989, p. 33), José J. Veiga enfoca o tema da liberdade explorando as conseqüências ininteligíveis. O romance estrutura, tematicamente, a constância dos binômios opressão *versus* liberdade, numa busca (in)consciente da liberdade. A instalação aparentemente inquestionável do insólito – a Companhia Melhoramentos –, desencadeia o sentimento de pânico na cidade de Taitara, gerando situações surreais, desesperadoras, e provocando a perda da liberdade de viver. Os trechos a seguir ilustram as afirmações:

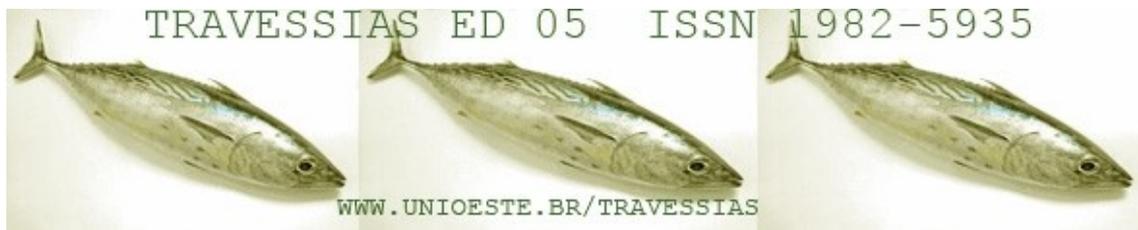
De repente os muros, esses muros. Da noite para o dia eles brotam assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo, dividindo as ruas ao meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo, abafando. (VEIGA, 2001, p.30)

Alucinação coletiva. Todo mundo pensa que está voando ou que está vendo outros voarem. Porque todo mundo deseja muito voar, quanto mais alto e mais longe melhor” (VEIGA, 2001, p. 141).

A realidade no romance é mesclada com o vôo surreal. O desejo de voar, condição irreal do ser humano, acaba fundido com o real: o desejo de estar longe, fora desse tempo e desse espaço: “Tinha chegado o ponto em que o nosso único consolo era subir a um lugar alto e olhar os campos e estradas além de nossas divisas, onde não vigoram ainda os regulamentos da Companhia”(VEIGA, 2001, p.120).

Carvalho (1989, p. 26) verifica que, na última passagem do romance, há uma tentativa surrealista de nivelar as antonomias real–irreal, numa busca do *point suprême*, que é um dos projetos mais significativos do surrealismo⁶. A sua conquista é caracterizada na narrativa como alucinação coletiva, ponto alto da presença surrealista nesse romance, por estar em ruptura total com o seu meio e optar por uma outra realidade:

⁶ O surrealismo não é puro delírio, mas a exploração do delírio; é o que será; é a possibilidade do acaso objetivo, uma forma de interpretação do delírio, um assenhoramento das diversas penetrações mutantes do real.



Pois se o homem passava voando bem na minha frente, justamente diante da parte aberta da torre! Foi rápido, mas deu para ver. Ia deitadinho como nadando, só que não dava braçadas, apenas mexia discretamente com os braços, e me pareceu que tinha um cigarro aceso na boca, se não era cigarro era um canudinho outro que também soltava fumaça. (VEIGA, 2001, p.122).

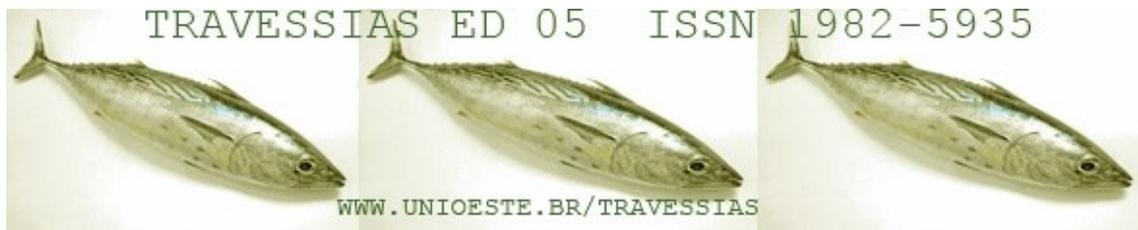
As pessoas são caracterizadas com traços comuns a qualquer ser humano. Prescindem de asas, de aparatos voadores ou de equipamentos que possam justificar a inusitada habilidade de alçarem vôos. Esse procedimento, longe de ser aleatório, reitera o recurso estético que engendra a imbricação de elementos antagônicos. Para tanto, o escritor cria personagens repletos de detalhes verossímeis, como a presença de um cigarro aceso na boca do homem voador. Esse ser é tão provável, que partilha até mesmo um vício humano; paradoxalmente, é tão improvável que levanta vôos por si só.

José J. Veiga cria uma outra forma de viver que possibilita ao homem libertar-se de todas as amarras que a sociedade lhe impunha. Essa total transformação da vida subverte a verossimilhança, fazendo surgir em profusão o inverossímil, o extraordinário:

O homem passava voando bem na minha frente [...] o homem passava da direita para a esquerda, eu peguei já na metade do caminho; e quando ele sumiu atrás da parede da esquerda e eu recuperei os movimentos apoiei as coxas no barrote restante, firmei a mão esquerda na parede e inclinei o corpo para fora, mas não o vi mais [...] E dei com ele vindo do lado do rio. Peguei-o no meio do céu, um céu sem nuvem nem fumaça, e acompanhei-o até sumir atrás do telhado de nossa casa. (VEIGA, 2001, p. 117 e 121).

Aqui, há liberação do pensamento de modo a acessar a supra-realidade, conforme propunha Breton (2001). O vôo das pessoas é um olhar para o inconsciente, que pode ser visto como uma resposta de indignação, uma vez que já não agüentavam os desmandos da Companhia. Seria “um brado do espírito que se volta para si mesmo e está nitidamente decidido a romper desesperadamente seus entraves” (NADEAU, 1985, p. 20).

O vôo sempre exprimiu para o homem um desejo de sublimação ou de liberdade, de busca de harmonia interior, de ultrapassagem dos conflitos. O vôo é o substituto irreal da ação, estando assim ligado ao interior, ao inconsciente. Em uma comunidade onde estavam



cerceadas todas as formas de liberdade individual, a última alternativa para seus membros seria voar. Desse modo, o vôo seria uma metáfora da liberdade.

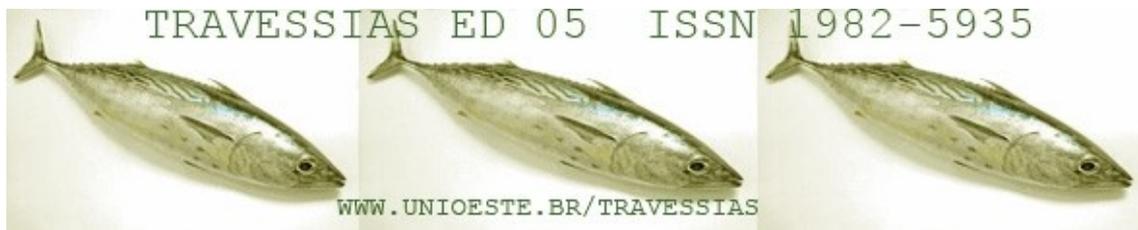
A liberdade só é possível por meio da construção de uma supra-realidade diferente da realidade de uma cidade oprimida por uma empresa ou por uma instituição sem fim explícito. Como nenhuma obra de arte é uma significação pronta, pode-se inferir que a referida cidade é uma metáfora do Brasil no período da ditadura militar, e a Companhia Melhoramentos de Taitara como alegoria dos militares no poder.

A influência surrealista no romance *Sombras de reis barbudos*, coloca a obra “em condições de desligamento em relação às solicitações do mundo exterior assim como em relação às preocupações individuais” (BRETON, 2001, p.271). Por meio da busca pela liberdade, o narrador criança afastou-se não só do universo repressor descrito na história como também do limite imposto pelo contexto político brasileiro daquele período em que o livro foi publicado.

A necessidade de romper com tudo que existe em Taitara é a manifestação mínima de um espírito que não quer renunciar às suas possibilidades para se vergar às exigências de um real opressor, tal como foi determinado pela Companhia de Melhoramentos. Ou seja, trata-se “de um espírito que reivindica a sua liberdade radical, sem a qual se reencontra domesticado” (DUROZOI & ECHERBONNIER, 1972, p. 105).

Diante dessas considerações, fica claro que, ao acessar a supra-realidade, José J. Veiga, em *Sombras de reis barbudos*, consegue libertar o indivíduo das forças repressivas que o seguram e perturbam. Isso porque a opressão posta pela Companhia de Melhoramentos é tão grande que privou as pessoas de toda e qualquer forma de liberdade. De acordo com Durozoi & Echerbonnier (1972), erguer-se contra a razão esterilizante desses poderes oprimidos é confrontar-se com um sistema. Para tanto, lembram que esse sistema é

o conjunto extremamente complexo de princípios, de instituições, de leis, de costumes, de interdições, de mitos, de dogmas, de idéias, de símbolos que separam o homem do seu próprio pensamento, que tenta retardar o homem do seu próprio pensamento, que tenta retardar, por todos os meios, o movimento emancipador, qualquer que seja o domínio em que se exerça, que falseia a relação dialética entre as liberdades práticas e a liberdade metafísica. (DUROZOI & ECHERBONNIER, 1972, p. 104),



A busca da surrealidade no romance veiguiano desemboca uma contestação global que repousa sobre a capacidade infinita de revolta que ele atribui ao homem. Como em qualquer obra surrealista, todas as normas que foram impostas pela razão são destruídas. Segundo Durozoi & Echerbonnier (1972, p. 105).

A necessidade de romper com tudo o que existe é pois a manifestação mínima de um espírito que não quer renunciar às suas possibilidades para se vergar às exigências do real (ou do normal, ou do moral, ou do conveniente, etc.), tal como foi historicamente determinado, quer dizer, de um espírito que reivindica a sua liberdade radical, sem a qual se reencontra domesticado. Esta reivindicação permanece essencial na trajetória surrealista – quanto mais não fosse porque não é certo que algum dia ela possa ser integralmente satisfeita.

Em *Sombras de reis barbudos*, quando o autor se entrega a uma escrita que ultrapassa a sua consciência, ele projeta-se para fora do dado presente opressivo, de modo que a aparição de um futuro possível elabora-se a partir das linhas de força do seu próprio desejo, em busca de uma realidade que o satisfaça. Assim, ele esboça um futuro que, para além da sua própria pessoa, diz respeito à humanidade. Em vista disso, a linguagem se torna portadora de um sentido não dominado, situado naquele lugar a partir do qual o movimento histórico se deixa entrever na fronteira do presente e do futuro.

Como se vê, a linguagem veiguiana produz imagens que libertam o espírito das exigências do real imediato imposto pela Companhia Melhoramentos. Ao entregar-se a essa irrupção de imagens, J. J. Veiga faz explodir do cotidiano a transgressão da realidade, de modo a ir além do concebível e do dizível, tal como determina o pensamento imposto pela Companhia.

Assim, o posicionamento da poética veiguiana em desacordo com o mundo exterior proposto pela realidade epidérmica não é uma maldição, mas uma bênção, que ganha vida própria quando ela provoca um choque nas aparências ou nas leis impostas pela ideologia dominante – que, em *Sombras de reis barbudos*, é representada pela Companhia de Melhoramentos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRETON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Tradução: Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

CARVALHO, Maria Luíza Ferreira Laboissière. **A transfiguração da realidade em José J. Veiga e Miguel Jorge**. Goiânia: Secretaria da Cultura de Goiás, 1989.

CHÉNIEUX-GENDRON, Jaqueline. **O surrealismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CORTÁZAR, Júlio. **Obra crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. v. 1.

DUPLESSIS, Yvonne. **O surrealismo**. Tradução: Luís Felipe Serrão. Lisboa: Inquérito, 1983.

DUROZOI, Gerard; LECHERBONNIER, Bernard. **O Surrealismo: teorias, temas, técnicas**. Coimbra: Almedina, 1976.

GARCIA, Flávio (Org.). **A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismo de construção narrativa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A estética surrealista: textos doutrinários comentados**. São Paulo: Atlas, 1994.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Curso de estética: o belo na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NADEAU, Maurice. **História do surrealismo**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

VEIGA, José J. **Sombras de reis barbudos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.